



A construção feminina em Viriato Corrêa

Marianne Machado^{1*}
Diomar das Graças Motta^{2**}

RESUMO

Este estudo apresenta uma análise sobre a obra “Cazuza” do autor maranhense Viriato Corrêa (1884 – 1967). Percebemos a oportunidade de elegermos como questão de estudo: a construção feminina em “Cazuza”. Compreender a partir do espaço escolar de que maneira o papel da mulher é representado na obra. Os papéis dos personagens de certa forma encontram-se muito bem definidos e nos remetem quase sempre a construções do feminino, a partir da oposição homem - mulher, simbologia esta percebida na representação da vestimenta feminina para o personagem principal, o menino Cazuza. Pois este associado ao forte desejo de se tornar um homem, deixa para trás “os vestidinhos” e busca cada vez mais se dedicar aos estudos, por conta do seu desejo de usar calças. O estudo sobre a obra de Viriato Corrêa suscita inúmeras questões pertinentes para discutirmos as relações de gênero. Segundo Coelho apud Ferro (2010), Viriato Corrêa se propôs a escrever para um público em desenvolvimento, sobretudo, acerca da formação da conduta moral e cívica das crianças. Na análise destas questões usaremos os estudos de Badinter (1993), Ferro (2010), Penteado (2001) e Zilberman (2005). Percebe-se que o autor cumpre seu objetivo com a difusão de ideais de sua época.

Palavras-chave: Feminino. Cazuza. gênero. Literatura.

1 INTRODUÇÃO

O artigo apresenta a análise de parte da obra “Cazuza” do autor maranhense Viriato Corrêa, dada a sua relevância para a educação brasileira

^{1*} Mestranda em Educação na Universidade Federal do Maranhão, Bolsista CAPS.

^{2**} Professora Doutora do Programa de Pós graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão.

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Embora reconhecamos que o movimento feminista no Brasil seja específico, é preciso notar algumas características desse movimento na Europa e nos Estados Unidos e que influenciaram nosso feminismo.

Na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, a tradição feminista mais antiga é a do feminismo democrático, liberal, dirigido à obtenção de direitos e oportunidades iguais para as mulheres. Para tanto, no século XIX, parte desse trabalho se concentrou na remoção de barreiras educacionais e profissionais. Este período foi marcado pela militância por direitos iguais, tendo como exemplo, a luta pelo direito de voto, no início do século XX. (BARRETT, 1996)

A partir da década de 60, do último século, as sociedades ocidentais têm observado a ascensão e queda de movimentos feministas de cunho mais radical; movimentos que afirmam que a opressão das mulheres está enraizada em processos psíquicos e culturais profundos. Diante disso, estes movimentos exigem mudanças nos objetivos feministas, focalizando a luta pelo controle das mulheres sobre seus próprios corpos, especialmente, na questão do direito da mulher de escolher a respeito do aborto. Este momento está enraizado nas ideias do socialismo utópico, anarquismo e marxismo. (BARRETT, 1996)

Na tentativa de exercício mais historiográfico e exploratório, Bandeira (2000) propõe uma tripla periodização do movimento feminista. Inicialmente, o período de 1850 a 1950, isto é, os cem anos que compreenderam as organizações das mulheres pioneiras, conhecidas como **igualitaristas e sufragistas**, que lutaram pelo acesso à instrução e pelo direito ao voto. Nas fábricas, reivindicações atravessaram o século XIX, chegaram ao século XX e serviram de base à instalação e expansão do movimento feminista no Brasil, a partir dos anos sessenta e setenta.

O segundo momento, que compreende os anos de 1960 a 1980, é o período contemporâneo do movimento feminista. É um período de mudanças sociais e culturais, com a conquista de novos territórios de luta, de visibilidade das mulheres, do reconhecimento e legitimidade social em relação às lutas feministas e emergência do **feminismo heterogêneo e plural**. Tomam relevo as configurações



ampliar seu público, destacando-se entre eles [...] Érico Veríssimo e Graciliano Ramos” (ZILBERMAN, 2005, p.38).

Segundo Zilberman (2005), a obra “Cazuza” de Viriato Corrêa chama atenção por ir ao encontro das experiências vividas pela maioria das crianças que vivem a realidade dos centros urbanos, tendo em vista retratar as distintas etapas do processo escolar pelas quais passa o personagem principal.

Cazuza é um livro que se apresenta ao leitor de forma realista, destituído de personagens envolvidos em um mundo de magia e fantasia, elementos comuns de obras direcionadas para o público infantil, conforme podemos ver com Monteiro Lobato, no Sítio do Pica-Pau Amarelo, cujos personagens encontram-se representados no “mix” de fantasia e realidade. Todavia, Viriato Corrêa retrata a sua obra de forma realista revelando a riqueza da literatura infantil.

O Cazuza de Viriato está do outro lado; não há heróis dotados de poderes extraordinários, nem acontecimentos fantásticos. É da vida cotidiana e dos problemas do dia-a-dia que se fala; e mesmo assim o livro é encantador, o que sinaliza a variedade que a literatura infantil brasileira ia alcançando já na década de 1930 (ZILBERMAN, 2005, p. 36 - 37).

O livro Cazuza é apresentado como se contivesse as memórias da vida escolar de quem escreve. Segundo Ferro (2010), Viriato Corrêa não se confunde com o personagem principal do romance. Ele afirma que o texto lhe foi entregue por um desconhecido, como um artifício comum dos escritores desde o século XIX, destinado a se criar um efeito de verdade. No entanto, por uma série de elementos, encontram-se coincidências entre a biografia de Viriato e a trajetória do personagem, o que contribui para tomarmos o texto como autobiográfico.

A vasta experiência do autor perante a vida nos revelaram obras que atravessam a infância, e nos possibilitam constantes regressos mesmo na fase adulta. Assim é a obra Cazuza, uma oportunidade de refletir em cima de questões que aparentemente nos parecem normais, por conta da venda que constantemente somos induzidos a colocar em nossos olhos diante da realidade que nos cerca.

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



4 “CAZUZA” E A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO FEMININO

A obra apresenta três espaços narrativos: o primeiro trata de Pirapemas, vila de gente pobre e humilde, onde todos conviviam como se pertencessem a uma única família; o segundo - Vila de Coroatá no Maranhão, localidade na qual acompanhado de seus pais o personagem Cazuzza passou a residir. E por fim, o terceiro e último espaço, em São Luís, onde o menino deu continuidade as suas experiências escolares.

No texto de Viriato, o conhecimento associado ao espaço escolar aparece como forte atributo ligado à figura masculina, de modo que percebemos na fala do menino Cazuzza o interesse pelos estudos, por conta da sua motivação maior em usar uma vestimenta associada à figura masculina, no caso, as calças, conforme fragmento a seguir:

Dois motivos é que me deram vontade de estudar. O primeiro deles – as calças. Desde que me entendi, tive a preocupação de ser homem e nunca me pude ajeitar nos vestidinhos rendados de menina. Sempre olhei com inveja os garotos mais taludos do que eu, não porque eles fossem maiores e gozassem regalias que os garotinhos não gozam, mas porque usavam calças. (CORRÊA, 1990, p. 13).

Outro ponto a ser ressaltado, consiste na demonstração de repulsa ao feminino por meio das vestimentas que lembram o gênero. “Os vestidinhos” carregam a simbologia do sentimento de pouco poder (conhecimento). Fato este que se encontra reforçado na mente da criança, pela figura materna. “Minha mãe prometia frequentemente: ___ Quando você entrar para a escola deixará dos vestidinhos. E, por amor às calças, comecei a mostra amor aos livros” (CORRÊA, 1990, p. 13).

Mesmo com pouca idade, Cazuzza nutria o forte desejo em ser homem, e a figura do pai representava muito bem o retrato desta inspiração.



O amor materno foi por tanto tempo concebido em termos de instinto que acreditamos facilmente que tal comportamento seja parte da natureza da mulher, seja qual for o tempo ou o meio que a cercam. Aos nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição (BANDITER, 1985, p. 20).

Presas ao “instinto” maternal ocupar outros espaços, desenvolver outras habilidades é sinônimo de intromissão ao mundo que não pertence ao sexo feminino. Sendo assim, outro marco interessante na narrativa diz respeito à forma como Tetéia, outra companheira de brincadeira do personagem Cazuza, é referenciada na obra

Eram quinze ou dezoito os meninos que brincavam comigo: o Quincas, que já estava com os dentes quase todos mudados; a Chiquita, sempre de pernas raladas pelas travessuras; o loiô, que fazia caretas horríveis virando as pálpebras pelo avesso; o Manda circo; a Tetéia, que subia às árvores como qualquer outro menino [...] (CORRÊA, 1990, p. 27).

A criança recebe influência na construção de sua masculinidade e feminilidade, a partir dos diferentes contextos sociais em que vivem, pois na medida em que absorvem comportamentos ditos “normais” para o seu sexo vai sendo inserida e aceita pela comunidade a qual vive suas experiências (PAECHTER, 2009).

No caso de Tétéia, apesar de ser aceita nas brincadeiras, ainda sim, é citada na fala de Cazuza com uma ressalva por conta de uma atitude da personagem, que é considerada incomum para as meninas do grupo, no caso, “subir em árvores”, logo isso faz com que Tétéia seja comparada a um menino. Daí, percebemos que as crianças são “incentivadas ou desestimuladas, de forma que aprendem gradualmente o que é aceitável para os participantes de sua comunidade local de masculinidades e feminilidades” (PAECHTER, 2009, p. 53).

Isso evidencia que embora se recuse a admiti-lo, o homem continua sendo o critério com o qual se compara a mulher. O homem é o Um, legível, transparente, familiar. Ela é o Outro, estrangeiro e incompreensível. Portanto, seja

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



qual for o modelo imaginado para pensar os sexos – semelhança ou diferença -, o homem se apresenta sempre como o exemplar mais bem-acabado da humanidade, o absoluto a partir do qual a mulher se situa. (BADINTER, 1993)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a obra de Viriato Corrêa suscita inúmeras questões pertinentes para discutirmos as relações de gênero. Percebemos a construção das representações sociais sobre homens e mulheres, que ainda na infância são marcados pelos papéis sociais que foram impostos pela sociedade patriarcal. Embora seja uma narrativa da década de 1930, observamos que estas representações repercutem na atualidade.

Ademais, por ser uma literatura indicada para um público infanto-juvenil, questiona-se até que ponto estas representações contribuem para a reprodução dos papéis sociais de nosso tempo.

Diante disso, faz-se necessário uma maior discussão sobre esta narrativa no espaço escolar. Segundo Ferro (2010), Viriato Corrêa se propôs a escrever para um público em formação, sobretudo, a formação da conduta moral e cívica das crianças. Percebe-se que ele cumpre seu objetivo com a difusão de ideias e ideais de sua época. Seria pertinente ainda, investigarmos os usos que são feitos dessa literatura no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Lourdes Maria. Feminismo: memória e história. In: SALES, Celecina de Maria Veras et AL (orgs). **Feminismo: memória e história**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2000.

